

Noite em Caracas

Noite em Caracas

Karina Sainz Borgo

Tradução de Livia Deorsola



Copyright © Karina Sainz Borgo, 2019

TÍTULO ORIGINAL

La Hija de la Española

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design

ARTE DE CAPA

Lola Vaz

IMAGEM DE CAPA

Lyn Randle/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B737n

Borgo, Karina Sainz, 1982-

Noite em caracas / Karina Sainz Borgo ; tradução Livia Deorsola.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

200 p. ; 21 cm.

Tradução de: La hija de la española

ISBN 978-85-510-0502-6

1. Romance venezuelano. I. Deorsola, Livia. II. Título.

19-56377

CDD: 863

CDU: 82-31(87)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Às mulheres e aos homens que me antecederam.
E aos que virão.*

*Porque todas as histórias de mar são políticas, e nós,
fragmentos de algo que busca uma terra.*

Ai, nada pode te intimidar, poeta,
Nem o vento nos arames. [...]
Levanta a cabeça
Mas que tenha sentido
O que escreves.

YOLANDA PANTIN, “El hueso pélvico”

Legaram-me coragem. Não fui valente.

JORGE LUIS BORGES, “O remorso”

Eu mesmo, como tu, fui educado no desterro.

SÓFOCLES

Enterramos a minha mãe com suas coisas: o vestido azul, os sapatos pretos baixos e os óculos multifocais. Não podíamos nos despedir de outro jeito. Não podíamos apagar aquelas peças de sua fisionomia. Teria sido como devolvê-la incompleta à terra. Sepultamos tudo, porque depois de sua morte já não nos sobrava nada. Nem sequer tínhamos uma à outra. Naquele dia, caímos abatidas pelo cansaço. Ela, em sua caixa de madeira; eu, na cadeira sem braço de uma capela em ruínas, a única disponível das cinco ou seis que procurei para fazer o velório e que pude contratar apenas por três horas. Mais que funerárias, a cidade tinha fornos. As pessoas entravam e saíam delas como os pães que rareavam nas prateleiras e que choviam, duros, em nossa memória, com a recordação da fome.

Se ainda falo daquele dia no plural é por hábito, porque a ligados anos nos soldou como partes de uma espada com a qual defendemos uma à outra. Enquanto eu redigia a inscrição para seu túmulo, entendi que a primeira morte acontece na linguagem, nesse ato de arrancar os sujeitos do presente para instalá-los no passado. Transformá-los em ações acabadas. Coisas que começa-

ram e terminaram em um tempo extinto. Aquilo que foi e não será mais. A verdade era esta: minha mãe só existiria quando conjugada de outra forma. Ao enterrá-la, concluía-se minha infância de filha sem filhos. Naquela cidade em estado terminal, tínhamos perdido tudo, inclusive as palavras no tempo presente.

Seis pessoas compareceram ao velório da minha mãe. Ana foi a primeira. Chegou arrastando os pés, com o braço apoiado em Julio, seu marido. Ana parecia atravessar um túnel escuro que desembocava no mundo que nós, os outros, habitávamos. Meses antes, tinha se submetido a um tratamento com benzodiazepina. O efeito começava a se dissipar. Mal lhe restavam comprimidos suficientes para completar a dose diária. Assim como o pão, o Alprazolam estava se tornando escasso e o desânimo abria caminho com a mesma força do desespero dos que viam desaparecer tudo de que precisavam: as pessoas, os lugares, os amigos, as lembranças, a comida, a calma, a paz, a sensação. “Perder” se tornou um verbo equalizador que os Filhos da Revolução usaram contra nós.

Ana e eu nos conhecemos na Faculdade de Letras. Desde então, compartilhamos uma sincronia em nossos próprios infernos. Desta vez também. Quando minha mãe ingressou na Unidade de Cuidados Paliativos, os Filhos da Revolução prenderam Santiago, o irmão de Ana. Naquele dia dezenas de estudantes foram presos. Acabaram com as costas em carne viva por causa do chumbo grosso, espancados em uma esquina ou perfurados pelo cano de um fuzil. A Santiago coube A Tumba, uma combinação das três coisas aplicadas em doses ao longo do tempo.

Passou mais de um mês naquela prisão escavada cinco andares sob a superfície. Não havia sons nem janelas, tampouco luz natural ou ventilação. Ouviam-se apenas a passagem e o estrépito dos trilhos do metrô sobre a cabeça. Santiago ocupava uma das sete celas isoladas, dispostas uma depois da outra, de modo que ele não conseguia ver nem saber quem mais estava detido ao seu lado. Cada calabouço media dois por três metros. O chão e as paredes eram brancos. Brancos também eram as camas e as grades, através das quais era passada uma bandeja com alimentos. Jamais davam talheres: se queriam comer, só com as mãos.

Ana não tinha notícias de Santiago havia semanas. Nem sequer recebia mais o telefonema pelo qual pagavam quantias semanais de dinheiro; tampouco a danificada prova de vida que lhe chegava em forma de fotos, por meio de um número de celular que nunca era o mesmo.

Não sabemos se está vivo ou morto. “Não sabemos nada dele”, me contou Julio bem baixinho, afastando-se da cadeira ocupada por Ana, que ficou olhando os próprios pés por trinta minutos. Em todo esse tempo, ela levantou a cabeça para fazer três perguntas.

— Que horas vão enterrar a Adelaida?

— Às duas e meia.

— Humm — murmurou. — Onde?

— No cemitério de La Guairita, na parte velha. Minha mãe comprou o lote faz muito tempo. Tem uma vista bonita.

— Sei... — Ana parecia fazer um esforço a mais, como se pronunciar aquelas palavras fosse uma tarefa hercúlea. — Você quer ficar com a gente hoje enquanto passa o momento mais difícil?

— Vou a Ocumare amanhã bem cedo para ver as minhas tias e deixar umas coisas para elas — menti. — Mas agradeço. As coisas não estão nada fáceis para você também.

— É.

Ana me deu um beijo no rosto e foi embora.

Quem quer velar o morto de outra pessoa quando presente que logo terá que velar o seu?

Apareceram duas professoras aposentadas com quem minha mãe ainda mantinha contato: María Jesús e Florencia. Prestaram suas condolências e também foram embora logo, conscientes de que nada do que disseram corrigiria a morte de uma mulher jovem demais para desaparecer. Saíram de lá apertando o passo, como se tentassem abrir vantagem contra a parca antes que esta também fosse atrás delas. Não chegou nem uma só coroa de flores à funerária, fora a minha. Um arranjo de cravos brancos que mal cobria a metade superior do caixão.

As duas irmãs da minha mãe, minhas tias Amelia e Clara, não apareceram. Eram gêmeas. Uma era gorda, e a outra, magérrima. Uma comia sem parar e a outra consumia no café da manhã uma xicarazinha de feijão-preto enquanto dava tragos em um cigarro de palha. Moravam em Ocumare de la Costa, um povoado do estado de Aragua, próximo à baía de Cata e de Choróní. Esse lugar, onde a água azul banha a areia branca, separado de Caracas por rodovias intransitáveis, caindo aos pedaços.

Aos oitenta anos, as tias Amelia e Clara, em toda a sua vida, tinham viajado, no máximo, apenas para Caracas. Não saíram daquele lugarejo nem sequer para ir à formatura de mamãe, a

primeira universitária da família Falcón. Brilhava, linda, naquelas fotos, de pé, na aula magna da Universidade Central da Venezuela: os olhos muito maquiados, os cabelos armados amassados sob o capelo, ela segurando o diploma com as mãos rígidas e um sorriso solitário, como o de uma mulher com raiva. Minha mãe guardava aquela fotografia junto com seu histórico acadêmico de licenciada em Educação e o anúncio que minhas tias tinham posto no *El Aragüeño*, o jornal local, para que todo mundo soubesse que as Falcón tinham uma profissional na família.

Víamos pouco as minhas tias. Uma ou duas vezes ao ano. Viajávamos até o povoado e lá ficávamos nos meses de julho e agosto, e às vezes no Carnaval ou na Semana Santa. Dávamos uma mão na pensão e também ajudávamos a aliviar o peso financeiro. Minha mãe lhes deixava algum dinheiro e aproveitava para pegar no pé delas: de uma para que parasse de comer, e da outra para que comesse. Elas nos acolhiam com cafés da manhã que me davam náuseas: carne-seca, torresmo frito, tomate, abacate e café de *guarapo*, uma beberagem com canela e rapadura que elas coavam com uma meia de pano e com a qual me perseguiam pela casa toda. Não foram poucos os desmaios que a poção provocou em mim, dos quais elas me despertavam com suas queixas de matronas amalucadas.

— Adelaida, filha, se minha mãe visse esta menina, tão magrela e fraquinha, lhe daria três arepas com manteiga! — dizia minha tia Amelia, a gorda. — O que está fazendo com essa criança? Ela parece uma manjuba frita. Espere aqui, minha filha. Já volto... Não saia daqui, mocinha!

— Amelia, deixe a menina. Só porque você tem fome o tempo todo não significa que os outros também tenham — retrucava minha tia Clara lá do quintal, enquanto observava os pés de manga, fumando um cigarro.

— Tia, o que você está fazendo aí fora? Entre, já vamos comer.

— Espere, estou vendo se os sem-vergonhas do terreno vizinho vêm derrubar as mangas com uma vara. Outro dia levaram três sacolas.

— Pronto, aqui. Coma só uma se quiser, mas ainda têm mais três — dizia minha tia Amelia, voltando da cozinha com um prato com dois bolinhos de farinha recheados de picadinho de torresmo frito. — Você está precisando. Coma, coma, minha filha, que vão esfriar!

Depois de lavar a louça, as três se sentavam no quintal para jogar bingo até que chegasse a praga, aquelas nuvens de pernilongos que apareciam pontualmente às seis da tarde e que espantávamos com a fumaça desprendida pelas folhas secas em contato com o fogo. Fazíamos uma fogueira e nos juntávamos para vê-la arder sob o sol apagado da tarde. Então uma das duas, algumas vezes Clara, e outras, Amelia, remexia-se na poltrona de palha e, resmungando, dizia a palavra mágica: “Defunto.”

Assim se referiam ao meu pai, um estudante de engenharia cujos planos de casamento evaporaram da mente quando minha mãe contou que esperava um bebê. A julgar pela raiva que minhas tias destilavam, qualquer um diria que ele também as tinha abandonado. As duas o mencionavam muito mais do que minha mãe, que nunca pronunciou o seu nome na minha

frente. Pois nunca mais se soube do meu pai. Pelo menos foi isso o que ela me disse. Essa explicação me pareceu mais do que razoável para que sua ausência não fosse sentida. Se ele nunca quis saber de nós, por que esperaríamos algo da parte dele?

Nunca achei que a nossa família fosse grande. A família éramos minha mãe e eu. Nossa árvore genealógica começava e terminava em nós duas. Juntas, formávamos um junco, uma espécie de planta dessas que são capazes de crescer em qualquer lugar. Éramos pequenas e venenosas, quase nervadas, para que não doesse se por acaso nos arrancassem um pedaço ou mesmo a raiz inteira. Éramos feitas para resistir. Nosso mundo se apoiava no equilíbrio que ambas fôssemos capazes de manter. O resto era algo excepcional, acrescentado, e por isso dispensável: não esperávamos ninguém, nos bastávamos uma à outra.